

Peterson virou guru da ultradireita

Ele libera impulsos masculinos destrutivos. Auto-ajuda transformada em filosofia moral.

Álvaro Machado Dias

Neurocientista, professor livre-docente da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e sócio do Instituto Locomotiva e da WeMind

Folha de S. Paulo, 22.set.2024

[Jordan Peterson](#) é o maior fenômeno da influência pela autoajuda de que se tem notícia e é ainda mais relevante por ter redefinido o curso da filosofia moral, que se tornou diferente e muito mais popular. Para milhões de pessoas, filosofia moral é, simplesmente, Jordan Peterson. Em paralelo, é um dos intelectuais de maior prestígio na ultradireita, que lhe patrocina generosamente.

Antes de se tornar celebridade, o ex-professor da Universidade de Toronto foi um pesquisador de impacto na área da psicologia da personalidade, angariando mais de 10 mil citações.



O psicólogo canadense Jordan Peterson durante palestra em São Paulo - Greg Salibian - 18.jun.24/Fronteiras do Pensamento/Divulgação

Ele também foi um dos primeiros acadêmicos a postar suas aulas no YouTube, onde se destacou pelas análises junguianas de fábulas e outros textos alegóricos, pinçadas de seu primeiro livro, "Mapas do Significado", de 1999. O livro faz um contraponto ao muito popular "A Psicanálise dos Contos de Fada", de Bruno Bettelheim, de orientação freudiana. Sai o sexo, entra o mito.

O pioneirismo digital, aliado à paixão e articulação, renderam-lhe seguidores, mas a escala era limitada. O ponto de virada se deu com a aprovação do [projeto de lei canadense C-16](#) em 2016, que "visa proteger as pessoas da discriminação, na jurisdição federal, para que não sejam alvo de propaganda de ódio, como consequência de sua expressão de gênero".

Peterson opôs-se veementemente ao PL e passou a vocalizar isso em debates com alunos enfurecidos, postados no YouTube por ambos os lados, como exemplo da irracionalidade de sua nêmesis. Isso dividiu o campus da universidade e, como fogo na estiagem, a internet.

Naquele momento, estava em jogo a expansão das políticas identitárias, que atualmente estão em refluxo nas empresas e universidades americanas. O timing favoreceu Peterson, que astutamente deixou a clínica e a universidade para se dedicar à campanha de divulgação do que viria a ser seu maior sucesso: o livro "12 Regras para a Vida", de 2018.

A regra fundamental é superar as forças que levam à inação e causam ansiedade, o que ele promove por meio de discursos de autoridade, como em seu bordão mais famoso: "Arrume seu quarto". Peterson encarna o arbítrio paterno, que acredita estar desaparecendo das famílias e assim levando ao declínio da confiança masculina.

O interlocutor privilegiado de Jordan Peterson é o personagem típico das comédias americanas sobre iniciação sexual: o "loser", moldado à imagem de um pai fraco —alegoria indissociável à da mãe autoritária, cuja dominância plantaria a semente de sua desadaptação social e sexual.

Esses são os fatos e o contexto narrativo. Já o que realmente importa os transcende em muito.

O fenômeno mais relevante que a trajetória de Peterson revela é a relação profunda, mas até aqui ainda não formulada, entre autoajuda, filosofia moral e discurso identitário.

Um dos reflexos das políticas de reparação das desigualdades sofridas pelos grupos minorizados foi a ascensão de um neoidentitarismo masculino, hétero, judaico-cristão e branco (nessa ordem de importância), que não é sobre a manutenção de poderes e privilégios, mas sobre o oposto.

Não há dúvidas de que esse é o grupo dos historicamente favorecidos. Mas é preciso considerar que o senso de aceitação entre os mais jovens (com menos de 30 anos) é cada vez mais determinado pelo Klout (impacto sociodigital) e que hoje, no Ocidente rico —e, em menor grau, nos países de renda média— nada é tão "out" quanto um moleque branco, introvertido e hétero, que cresceu em um lar de cristãos ou judeus não praticantes.

Do mais, em linha com o aumento da audiência de Peterson, a proporção de homens jovens entre os que nem trabalham nem estudam atingiu níveis recordes em muitos desses países. No Reino Unido, por exemplo, é a maior dos últimos dez anos. A taxa supera significativamente a feminina e é agravada pelo fato de mais de 60% desses rapazes nem sequer estarem procurando emprego. "Percebemos uma enorme subida nos problemas de saúde mental dos homens jovens", diz Laura-Jane Rawlings, que liderou a [pesquisa originadora desses dados](#).

O fenômeno gera impactos societários. Focando o mesmo grupo de países (Reino Unido), [um estudo abrangente](#) sobre percepção social de diferentes grupos étnicos, nacionalidades, gêneros e faixas etárias, envolvendo 48 pesquisas independentes, mostrou que "homens jovens brancos são vistos como o pior grupo étnico, de gênero e etário nos cinco critérios negativos — e o segundo pior em quatro dos cinco traços positivos".

A sensação de exclusão entre os sem carisma, garra ou propósitos descola-se parcialmente do IDH, que pauta as análises mais objetivas sobre desigualdade, e leva à multiplicação dos ressentidos, principal fonte de "leads" para a captação de Peterson, que, como típico pai bravo, defende seus filhos na esfera pública como uma fera.

O pleito inicial é ser notado. A crítica é numérica: como pode tanta atenção à comunidade trans, enquanto a nossa azáfama segue invisível? —mulheres despertam amargura, mais do que qualquer outro sentimento, e a questão racial revela-se bem menos relevante do que já foi.

Os princípios de Peterson são como os de treinamentos militares em época de guerra. Eles têm menos a ver com qualquer técnica que com o reforço do senso de sobrevivência e da conversão de tensões, angústias e frustrações em impulso selvagem para subjugar o oponente.

Assim como esses treinamentos, que gradualmente deixam de ocorrer conforme as batalhas se sucedem e matar para não morrer se naturaliza, a autoajuda do professor canadense é um mediador provisório na metamorfose do grito internalizado em externalização, que vai perdendo importância conforme os garotos vão ficando mais à vontade para expressar toda sua agressividade reprimida, em uma espécie de terapia catártica da timidez, a qual traz como bônus o fato de lhes fazer temidos e noticiados. Zuckerbergs sem império tornam-se temíveis "[red pills](#)".

Peterson comunica essa transição de maneira performativa: com o tempo, ele vai deixando de encarnar tanto a figura paterna para se dedicar às diferentes pautas ideológicas da nossa época, até despontar como um negacionista climático, que vê o pensamento judaico-cristão como esteio moral do Ocidente, acredita que a civilização está sendo ameaçada pela ideologia woke e assim brada por ordem, ecoando a pregação original de maneira menos personalista e mais escalada.

O resultado é a sua ascensão ao panteão do establishment conservador, onde passou a ser tratado como um dos pensadores mais importantes deste século; um Olavo de Carvalho com neurônios.

A autoajuda é uma linha de psicologia sem analista, [forjada sobre a necessidade de fortalecimento do ego](#) para galgar os andaimes corporativos, em estruturas organizacionais altamente hierárquicas. Ela encontra ampla ressonância porque se apoia em uma intuição bem estabelecida na mente das pessoas: que é necessário um mediador transitório para se chegar a novo platô de acoplamento com a realidade. Uma vez alcançado esse novo patamar, a bengala intelectual torna-se dispensável, o que justamente explica por que os bem-sucedidos não consomem autoajuda, mas soft-budismo e outras psicotecnologias.

À medida que desempenha esse papel, a autoajuda faz o mesmo em escala societária, onde passa a representar o elemento de transição na formação do pensamento moral do século 21. Este é o entendimento-chave que você deve salvar no hipocampo para o entendimento da questão.

O raciocínio que aplico aqui não é novo. Quando Max Weber diz que o protestantismo é uma etapa na transição para o capitalismo moderno, ele essencialmente [argumenta que a religião é um mediador transitório](#). Nesse caso, a tese é controversa, já que a religião se tornou uma força autônoma que não dá sinais de desaparecimento e sua recente perda de relevância no Ocidente não advém de redefinições do capitalismo. Mas o princípio é válido.

A filosofia moral da nossa era é, cada vez mais, autoajuda para além do domínio do eu. Seus dois paradigmas centrais são o dilema do prisioneiro e o problema do bonde, os quais estão presentes nos mais bem avaliados best-sellers do ramo, onde levam a apontamentos para o reforço do ego.

Do primeiro, deriva-se a estratégia mais famosa para a maximização simultânea da utilidade esperada da vida social e da justiça: inicie suas interações de forma generosa e, a partir daí, aja com reciprocidade absoluta em relação aos seus parceiros e interlocutores (essa estratégia é [conhecida como "tic for tac"](#)). Não sei se é sintoma histórico ou bom senso, mas sinto que o princípio é muito bom.

Do segundo, emerge a máxima de que emoções personalistas podem obstaculizar o progresso social. Compreendo que sacrificar um loser para salvar outros cinco está no melhor interesse da sociedade, mas se titubear, não serei capaz de agir; portanto, devo fazê-lo antes do arrebatamento pela paixão. É a tal ideia de que somos intrinsecamente enviesados, que é verdadeira, mas tão facilmente conduz a políticas públicas questionáveis, como no famoso caso dos [nudges de Richard Thaler](#) e na tese de que IAs devem tomar as decisões difíceis.

Peterson encampa essa passagem da autoajuda para o discurso moral com aspirações universalistas —do varejo para o atacado— porque é muito mais inteligente do que a média e tem um repertório muito maior. Sei que é difícil engolir, mas não é a falta de inteligência que define o banco em que se sentam os ideólogos, mas sim os componentes não verbais da personalidade, como o interesse pelo diferente (abertura à experiência) e a tolerância a assimetrias.

A transição à alt-right possui função projetiva em um bem-sucedido projeto de liberação de impulsos destrutivos de moços que vivem acuados desde o início da adolescência, quando se sentiam inferiorizados por outros jovens, mais bonitos, sociáveis e sexualmente desinibidos.

Seu conforto é seu perigo, emergindo do acolhimento em grupos que vociferam injúrias em uníssono. Já seu trunfo maior é a passagem das 12 regras do comportamento responsável para as 12 regras da vida secreta da sociedade, o que de fora reduzimos a paranoia e conspiração.